

## FASCISMO E NAZISMO<sup>1</sup>

Robin George Collingwood

É dito que viajantes, ao serem dominados pelo frio, se deitam com bastante alegria e morrem. Eles não lutam pela vida. Se lutassem, manter-se-iam aquecidos; mas eles não querem mais lutar. O frio dentro deles toma de assalto a vontade de lutar contra o frio que os circunda.

De quando em quando, isso ocorre com uma civilização. O calor vital no cerne de uma civilização é aquilo que chamamos religião. A religião é a paixão que inspira uma sociedade a perseverar em um certo modo de vida e a obedecer as regras que o definem. Sem a convicção de que tal modo de vida seja algo de valor absoluto, e que suas leis devam ser obedecidas a qualquer custo, as regras se tornam palavras mortas e o modo de vida algo do passado. A civilização morre porquanto aqueles que a ela pertenciam perderam sua fé. Eles arrefeceram em relação à sua continuidade. Não a sentem mais como algo de valor absoluto. Não atribuem mais um sentido religioso às suas regras como coisas que devem ser obedecidas a qualquer custo. A obediência degenera-se em hábito e gradualmente o hábito esmorece.

Foi dessa forma que a civilização greco-romana chegou ao seu fim. Ela morreu porque os seus herdeiros arrefeceram em prolongá-la. Morreu porque a paixão religiosa que abastecia sua força motriz deixou de existir. No tempo de Maratona e Canas, essa paixão vivia intensamente. Na época do novo Império Romano, agonizava. Nos dias do baixo Império, morria. O Império Romano, doravante, tornou-se um cadáver, galvanizado de tempos em tempos em atividades espasmódicas mas sem vida própria.

Todos sabiam disso naquele momento. O grande imperador Júlio César não apenas o sabia, como tentou restabelecer o império ao reviver as religiões “pagãs”. Outros já o sabiam desde que os primeiros sintomas de decadência surgiram; desde o século IV a.C. na Grécia e o século I a.C. em Roma. Quando o Cristianismo começou a conquistar o mundo greco-romano,

---

<sup>1</sup> Tradução de Murilo Gonçalves. Texto retirado da coletânea *Essays in political philosophy*. Cf. COLLINGWOOD, R. G. Fascism and Nazism. In: *Essays in political philosophy*. David Boucher (Ed.). Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 187-196 (originalmente publicado em: *Philosophy*, vol. 15 (1940), pp. 168-176).

aqueles que sabiam de seu estado agonizante e que sua causa foi o declínio na religião pagã supunham que o Cristianismo estava dizimando a civilização greco-romana e imaginaram que a destruição do Cristianismo a traria de volta à vida; não percebiam que o Cristianismo conquistava o mundo somente porque as religiões pagãs já estavam mortas e haviam deixado um vazio que nada poderia preencher, a não ser uma nova religião, universal em suas pretensões tanto quanto o próprio Império Romano.

Os pensadores pagãos, sabendo que a civilização greco-romana morria ou já havia morrido porque a paixão religiosa que a inspirava fracassou, puderam apenas escolher entre o desespero frente ao futuro e a tentativa (necessariamente vã) de resgatá-la ao reviver aquela mesma paixão. Os pensadores cristãos, conscientes da mesma coisa, poderiam desanimar-se pela civilização greco-romana e, ao mesmo tempo, esperar por uma nova civilização cuja força motriz devesse ser o próprio Cristianismo. É esse o tema da *De Civitate Dei*, de Santo Agostinho.

Sua esperança era justificada. Ao longo do tempo, a paixão religiosa do Cristianismo construiu um novo céu e uma nova terra: a terra da política moderna e o céu da ciência física moderna. Não cabe aqui descrever seus detalhes, ou mesmo seus princípios; ou mostrar como intimamente tais princípios estavam conectados com as doutrinas da teologia cristã, e quão precisamente, em um esboço geral, eles correspondiam à visão profética dos grandes pensadores cristãos que escreviam enquanto Roma estava em decadência.

A filosofia e a ciência modernas alcançaram admiravelmente bem uma espécie de destilação por meio da qual os conteúdos racionais da fé cristã foram separados da massa de ideias supersticiosas e rituais mágicos que a davam forma. O “espírito” do Cristianismo, saindo desse alambique do intelecto, chegou límpido e frio à garrafa cujos rótulos eram “princípios da política”, “princípios do método científico”, e similares. O resíduo, constituído pelas ideias supersticiosas e rituais mágicos, foi descartado.

Assim, nos últimos dois séculos, o Cristianismo sofreu um curioso destino duplo. O que quer que seja capaz de formulação lógica, como um sistema de primeiros princípios, foi analisado e codificado e passou a funcionar como os axiomas sobre os quais nossas ciências da natureza e da história, nossa prática na economia liberal e política livre ou democrática — em síntese, todas as coisas que compõem nossa civilização, são construídas. Mas aquilo que não é capaz de formulação lógica, que está na natureza da emoção religiosa, paixão, fé, foi

progressivamente exterminado, em parte pelo ridículo e em parte pela força, sob os nomes da superstição e da magia. Os dois processos andaram de mãos dadas. Os mesmos homens que mais ansiavam por formular os princípios nos quais o Cristianismo os treinou foram os mais ativos na supressão dos elementos “irracionais” ou emocionais do próprio Cristianismo.

Foi no século XVIII, mais especialmente na França e na Inglaterra, que o movimento chamado “Iluminismo” cresceu e se espalhou como uma epidemia entre os homens instruídos. Seu propósito era duplo: positivamente, formular e desenvolver princípios que o historiador, ao estudá-los, descobre serem derivados de fontes cristãs; negativamente, travar guerra contra todo tipo de superstição e magia, e em particular os elementos supersticiosos e mágicos do próprio Cristianismo, e da religião como tal, identificados com esses elementos supersticiosos e mágicos. Sob a influência do Iluminismo, os revolucionários franceses inauguraram um culto de “La Raison” e Auguste Comte um culto de “L’humanité”; Shelley (considerado um poeta romântico erroneamente, se o romantismo for definido enquanto uma reação contra o Iluminismo) declamava contra sacerdotes, escreveu *The Revolt of Islam* e assinava “ateu” nos livros de visitantes; e Gibbon, ignorando todas as evidências, fabricou a fábula que o Império Romano não caiu por causa de sua própria decadência religiosa, mas sob as espadas dos bárbaros. É somente em nossa própria geração que a verdade há muito conhecida foi redescoberta. A despeito dos românticos (Blake escreveu “Zombai, zombai, Voltaire, Rousseau”<sup>2</sup>, mas quem se importava com Blake?), o Iluminismo tornou-se a ortodoxia do século XIX; de forma que uma época que se orgulhou de sua atitude científica em relação a tudo o que é cognoscível desenvolveu, de fato, uma atitude científica em relação a tudo, exceto à religião. Com respeito à religião, sua atitude orgulhosamente acalentada era, em geral, puramente emocional: uma atitude de hostilidade irracional e pouco inteligente.

A ideia de liberdade — liberdade de expressão e de pensamento para todos; acesso livre à informação e discussão na ciência, acesso livre à informação e discussão na política — foi destilada do corpo da prática cristã por uma longa série de pensadores, dos quais os iluministas não foram uma pequena parte; e nessa condição tornou-se disponível, engarrafada e etiquetada,

---

<sup>2</sup> “Zombai, zombai, Voltaire, Rousseau!  
Zombai, zombai: tudo, porém, em vão!  
Vós atirais a areia contra o vento,  
E o vento a sopra em vossa direção.”

William Blake, MS. Notebook, c. 1804, *The Poems of William Blake*, ed. W. H. Stevenson (London, New York, Longman Norton, 1971), p. 481.

para uso no século XIX. A primeira regra da vida e da filosofia que na Europa continental são chamadas “liberais” e na Inglaterra, para evitar confusão com o programa especial e os princípios de um único partido político, “democráticas”, é aplicar essa ideia devotamente, se nem sempre sabiamente, a cada detalhe da atividade humana. Mas para um leitor que estuda qualquer exposição clássica a respeito, como a de John Stuart Mill, os fundamentos dessa devoção estão longe de ser claros. Eles não podiam ser declarados nem em termos do utilitarismo, nem em termos do intuicionismo, que eram as duas teorias morais da moda no século XIX. Não em termos de utilitarismo, porque a liberdade é ou foi um fim em si mesmo, um valor absoluto; e os únicos valores reconhecidos pelo utilitarismo eram valores derivativos, os valores dos meios. Também não em termos de intuicionismo, porque o intuicionismo não deu base para absolutamente nada: sua única razão era a “razão da mulher”, “É assim porque é assim”.<sup>3</sup> A proposição kantiana disso como o imperativo categórico em sua segunda forma: “tratar a natureza humana... como um fim em si mesmo, nunca apenas como um meio”<sup>4</sup>, era clara e conclusiva, mas caiu sob suspeita porque evidentemente também traía sua origem na religião pietista do treinamento infantil de Kant. Ele não havia purgado suficientemente seus princípios morais de emoção religiosa.

O verdadeiro fundamento para a devoção “liberal” ou “democrática” à liberdade foi o amor religioso de um Deus que estabeleceu um valor absoluto em cada ser humano individual. Liberdade de expressão e livre acesso à informação sobre questões políticas e científicas; livre consentimento em questões decorrentes da atividade econômica; livre desfrute do produto ganho pelo próprio trabalho de um homem — o oposto de toda tirania e opressão, exploração e roubo — estes eram ideais baseados na dignidade infinita ou no valor do indivíduo humano; e isso, novamente, foi baseado no fato de que Deus amava o indivíduo humano e Cristo morreu por ele. As doutrinas relativas à natureza humana, nas quais a prática liberal ou democrática se baseava, não eram derivadas empiricamente da pesquisa de dados antropológicos e psicológicos; elas eram uma questão de fé; e essas doutrinas cristãs eram a fonte da qual elas derivaram.

---

<sup>3</sup> Shakespeare, *Two Gentlemen of Verona*, I, ii, p. 24.

<sup>4</sup> Ver: I. Kant, *Groundwork of the Metaphysics of Morals*, trad. H. J. Paton (New York, Harper Row, 1964), p. 101, para uma proposição similar.

Crenças ou hábitos há muito inculcados sobreviverão por algum tempo a seus fundamentos lógicos. Por toda a Europa, durante o século XIX, os fundamentos dos hábitos e crenças chamados liberais ou democráticos estavam sendo destruídos pela propaganda antirreligiosa do Iluminismo e seus herdeiros. No entanto, as consequências que tinham sido há muito previstas pelos filósofos-estadistas como Berkeley não pareciam estar acontecendo; até o final do século, foi complacientemente sugerido, por homens nos quais os hábitos inculcados pelo Cristianismo haviam sobrevivido ao próprio Cristianismo, que “o Cristianismo como um sistema de dogma” deveria ser abandonado e “o Cristianismo como um sistema de moralidade” conservado.

Atualmente, a forma de vida liberal ou democrática tem sido abertamente, ostensivamente e (deve ser acrescentado) triunfantemente atacada em pelo menos três grandes países europeus. Na Itália, na Alemanha e na Espanha, uma nova forma de vida se estabeleceu, desafiando a tradição liberal ou democrática e em oposição aberta a ela. Não me manifesto em relação à Rússia, porque em sua história a Rússia nunca aceitou os ideais liberais ou democráticos e, embora o comunismo como pregado por Marx e Lênin seja hostil a esses ideais, a Constituição da URSS de 1936 encontra-se largamente em harmonia com eles. Além disso, não possuo qualquer conhecimento pessoal sobre a Rússia, de modo que prefiro falar daquilo que conheço.

O ponto para o qual desejo chamar a atenção é este: tal como na Itália, na Alemanha e na Espanha, a grande maioria da população é propensa aos ideais liberal-democráticos e hostil à minoria fascista ou nazista que tomou o poder. E as pessoas que pertencem a essa maioria sabem muito bem por que o poder foi arrebatado de suas mãos. É porque seus oponentes fascistas ou nazistas de alguma forma conseguiram explorar uma fonte de energia que é bloqueada a eles mesmos. A atividade fascista e nazista apresenta uma força motriz, um dinamismo psicológico, o que parece ausente na atividade daqueles que tentam resistir a ela. Os antifascistas e antinazistas sentem-se opostos não a homens, mas a demônios; e aqueles que analisaram esse sentimento dizem de uma só vez que o fascismo e o nazismo conseguiram evocar para o seu próprio serviço reservas de energia emocional em seus devotos, aquilo que em seus oponentes é latente ou inexistente. O fascismo e o nazismo podem parecer tolos, mas aqueles que acreditam neles, o fazem de forma intensa, preocupam-se enormemente com o fato de que devem vencer sua luta e vencê-la porque eles se importam muito em vencê-la. O

liberalismo ou a democracia podem parecer sensatos, mas as pessoas que se importam com eles não se importam com paixão suficiente para fazê-los sobreviver.

O fascismo e o nazismo devem seu sucesso às forças emocionais que têm no comando. Existem atualmente explicações alternativas, mas nenhuma delas se encaixa aos fatos.

Aqueles que acreditam nos dogmas marxistas os explicam como movimentos de classe. Eles não são movimentos de classe. Afetam todas as classes de modo semelhante, e não há uma classe cujos interesses especiais eles promovam ou cujo ponto de vista especial expressem.

Aqueles que acreditam na onipotência do grande mercado explicam o nazismo e o fascismo como uma contrarrevolução das grandes empresas frente à “ameaça comunista”. É verdade que, ao inventar uma “ameaça comunista” totalmente imaginária, o fascismo e o nazismo, em momentos críticos, reuniram grandes empresas para seu apoio; mas o movimento que às vezes emprega os grandes empresários como mercenários e, às vezes, os expulsa de novo, é uma coisa, e o grande mercado em si é outra; ninguém pode identificá-los sem sofrer de cegueira judicial.

Aqueles que acreditam na onipotência da propaganda explicam-nos como resultado do poder da publicidade. Para a Alemanha, essa explicação foi refutada de uma vez por todas por Peter Drucker<sup>5</sup>, o qual revelou que o nazismo chegou ao poder quando todos os instrumentos de propaganda estavam nas mãos de seus oponentes, que seus próprios enunciados propagandísticos sempre demonstraram um completo descuido de consistência, e que seus defensores mais fervorosos nunca acreditaram neles. O mesmo é verdade, de acordo com meu conhecimento, a respeito do fascismo. Tanto para os fascistas quanto para os nazistas, a propaganda é uma arma útil, mas não indispensável. Seria insensatez identificar uma arma com a mão que a empunha.

O fascismo e o nazismo, portanto, são bem-sucedidos porque têm o poder de despertar a emoção em seu apoio. Eles podem aniquilar até mesmo a oposição liberal-democrática mais difundida em seus próprios países porque aqueles que acreditam neles “pensam com seu sangue”, como dizem os nazistas: importam-se intensamente com suas crenças e podem, por conseguinte, dominar por completo o liberalismo ou a democracia, já que seus devotos progressivamente, ao longo de duzentos anos, expurgaram-no de elementos emocionais e

---

<sup>5</sup> *The End of Economic Man* (London, 1939), especialmente a página 14, inferior, e as páginas seguintes. Eu devo muito a esse livro, mas não aceito tudo que está nele contido.

tornaram-se tão puramente quanto possível aquilo que os franceses chamam de *cérébral*, uma questão de pensamento sem emoção. Um homem que pensa com seu sangue, mesmo se aquilo que pensa seja tolice, sempre levará a melhor sobre um homem que pensa meramente com seu cérebro, mesmo se aquilo que pensa seja sensato.

Por um lado, o que os liberais ou democratas pensam, disso não pode haver dúvida, é sensato. Pensar dessa maneira é ter uma visão ampla. Significa construir uma ordem social cuja organização científica sempre será capaz de compreender tanto da natureza quanto o homem precisa entender para promover seu próprio bem-estar como um ser natural entre outros; cuja organização política será sempre capaz de resolver tanto as inevitáveis tensões e antagonismos entre as várias sociedades particulares (nações, classes e assim por diante), nas quais a sociedade humana deve sempre se dividir, como deve ser resolvido, a fim de manter a sociedade humana um interesse em curso em vez de um clube do suicídio. Significa renunciar a todas as utopias e a todos os milênios: toda esperança de onipotência ou onisciência, seja em relação à natureza ou em relação ao homem. Significa acreditar que os seres humanos nunca terão resolvido todos os seus problemas, superado todas as suas dificuldades ou solucionado todos os seus conflitos; mas que nunca lhes falta a inteligência, o poder ou a boa vontade para resolver os problemas que, em qualquer momento, precisam imprescindivelmente resolver.

Por outro lado, o que os fascistas e nazistas acreditam, disso não pode haver dúvida, é tolo. Significa evocar uma ordem social baseada na adoração supersticiosa de líderes individuais que, sendo humanos, não são nem infalíveis, nem imortais. Significa não apenas negligenciar a investigação sobre a lei natural, mas também eliminar o espírito do pensamento livre e a prática da livre expressão da qual depende essa investigação. Significa não apenas falhar em resolver as inevitáveis tensões entre uma sociedade humana e outra, mas exacerbá-las como uma questão de princípio, a fim de intensificar a solidariedade emocional que elas geram nas sociedades particulares em questão. Assim, no que diz respeito à natureza, significa não mais cortar o seu casaco de acordo com o tecido e fornecer seu próprio tecido para o casaco que você precisa, mas roubar o tecido das lojas de outras pessoas. No que diz respeito ao homem, significa viver em uma atmosfera constante de terrorismo e terror, conflitos e medo de conflitos: em resumo, a negligência da Primeira Lei da Natureza de Hobbes e aspiração a um estado no qual não há lugar para a indústria e conseqüentemente nenhuma cultura da terra; nenhuma navegação; nenhum edifício amplo, nenhum conhecimento da face da terra; nenhuma



arte ou cultura letrada, nenhuma sociedade; e o que é o pior de tudo, o medo contínuo e o perigo de morte violenta; a vida humana solitária, pobre, desagradável, brutal e curta.

Se, apesar de tudo isso, fascismo e nazismo conquistaram países que juntos somam um quarto de toda a população da Europa, ou um terço excluindo-se a União Soviética, a razão pode somente ser que em seus lares originais, Itália e Alemanha, causas especiais levaram ao abandono dos princípios liberais e democráticos. Esses princípios, como vimos, são derivados do Cristianismo; e a força emocional, a “pulsão” ou “ímpeto”, que uma vez os tornaram vitoriosos, deveu-se ao próprio Cristianismo enquanto um sistema de prática religiosa rico em elementos supersticiosos ou mágicos que, no Cristianismo como em qualquer outra religião, geram a emoção que dá aos homens o poder de obedecer a um conjunto de regras e, assim, trazer à existência uma forma específica de vida. Vimos que o Iluminismo e outros movimentos antirreligiosos há muito tempo esgotaram o liberalismo ou a democracia dessa força emocional e a reduziram a uma mera questão de hábito. Um mero hábito não tem “ímpeto”. Ele se une a um sucesso diretamente proporcional à sua própria tenacidade, que depende principalmente da completude com a qual foi estabelecido, e inversamente proporcional ao poder das forças destrutivas que operam sobre ele.

Em todo o mundo, os princípios liberais ou democráticos, tendo perdido o seu “ímpeto” e tornando-se meras questões de hábito, perderam a iniciativa e foram jogados na defensiva. Em todo o mundo, forças destrutivas estão operando sobre eles. Mas na Itália e na Alemanha elas só foram estabelecidas em um espírito experimental em um período relativamente recente, entre os povos cuja história havia sido conduzida por muitos séculos sem eles. Na Inglaterra e na França, são realizações duramente conquistadas, fruto de uma experiência política contínua e de educação política que se estende por muitas centenas de anos. Nos Estados Unidos, eles presidiram o nascimento de uma nação e são parte integrante de sua herança. Tais hábitos são difíceis de quebrar; no entanto, nos três últimos países eles mostraram sinais de enfraquecimento, e é uma questão séria quanto tempo sua defesa resistirá contra o ataque de forças que não tentarei aqui analisar.

As forças destrutivas que operam contra o liberalismo ou a democracia na Itália e na Alemanha são frequentemente identificadas com os efeitos posteriores da guerra de 1914-18. A Alemanha teve que sofrer a humilhação imposta a ela pelo Tratado de Versalhes; A Itália sofreu com a decepção de esperanças que esse mesmo tratado não cumpriu. Eu não nego isso;



mas sugiro que não seja suficiente para explicar os fatos. A faísca em um fusível não é a única causa de uma explosão.

Os princípios liberais ou democráticos, como argumentei, são uma função do cristianismo. Considere a situação religiosa da Itália e da Alemanha. O Cristianismo da Itália é muito antigo e muito profundamente enraizado; mas é um Cristianismo altamente sincrético. Quando se tornou pela primeira vez a fé oficial do país, foi um Cesaropapismo que combinou os princípios do Cristianismo com os princípios de um culto ao imperador de três séculos, a adoração de um “Líder” investido com atributos divinos e venerado em um ritual mágico. E nem mesmo Augusto foi quem inventou essa adoração de um líder humano; ela estava profundamente enraizada muito antes dessa época na prática dos povos do Mediterrâneo. O fascismo remonta conscientemente ao Império Romano, e os vários “decálogos fascistas” que foram publicados, embora possam diferir em outros pontos, concordam em reafirmar a fórmula do culto ao imperador, “O *Duce* está sempre certo”.<sup>6</sup> E a vitalidade da religião pré-cristã entre o povo italiano é abundantemente comprovada pelo número de cultos pagãos que sempre foram e ainda são fervorosamente praticados por eles, não (como as sobrevivências pagãs dos séculos XVII e XVIII neste país) sob a proibição da Igreja, mas apoiada e consagrada pela própria Igreja e presididos pelos próprios sacerdotes da Igreja.

O fascismo enquanto um sistema de princípios políticos é uma função, não do Cristianismo italiano, mas do paganismo pré-cristão que sobreviveu sob a tolerância e proteção do Cristianismo italiano; e é isso que tornou possível um entendimento entre o fascismo e o Vaticano. O “ímpeto” do fascismo é derivado das emoções pagãs que o Vaticano sempre tolerou. Ele não se entrega a qualquer coisa, portanto, ao tolerar o fascismo.

O Protestantismo desde o início perseguiu essas sobrevivências pagãs e recusou-se a incorporá-las em sua própria concepção de Cristianismo. Mas mesmo na Inglaterra, que tem sido oficialmente um país cristão por dezessete séculos, elas ainda existem, pois todos sabem quem está intimamente familiarizado com a vida de uma aldeia inglesa. A Alemanha foi o último país europeu a adotar o Cristianismo; e na Alemanha as sobrevivências pagãs sempre foram extremamente vigorosas. Oficialmente, em vez de serem toleradas como na Itália, elas foram deserdadas; mas de forma não oficial elas estão muito vivas. Não é de admirar, então,

---

<sup>6</sup> O Artigos 8 (do Decálogo de 1934) e 10 (do de 1938), afirmam: “Mussolini está sempre certo”. Ver: M. Oakeshott, *The Social and Political Doctrines of Contemporary Europe* (New York, Macmillan, 1947: publicado pela primeira vez em 1939), pp. 180-181.

que elas devessem agora ter vindo à superfície; que o nazismo deveria promovê-las ativamente; e que os líderes do Cristianismo alemão deveriam se tornar oponentes do nazismo e deveriam se encontrar em campos de concentração.

Assim, na Alemanha, como na Itália, embora com consequências muito diferentes para os representantes do Cristianismo, o novo movimento político contém ideias extraídas da sobrevivência de uma religião pré-cristã não extinta, e deriva seu “ímpeto” do apelo emocional dessa religião. As mesmas religiões pré-cristãs, ou similares, sobrevivem em todos os países europeus, e até, a menos que eu esteja mal informado, nos Estados Unidos da América. Em todos esses países, portanto, existem explosivos que na Alemanha e na Itália destruíram a fachada inerte dos princípios derivados do Cristianismo. Em outros lugares, esses explosivos podem não existir em quantidades tão grandes; e a faísca que os explodiu pode, possivelmente, não ser emergente. Mas seria loucura esquecer sua existência; e seria criminoso aqueles que conhecem os fatos esconder seu conhecimento.

Já passou há muito o tempo no qual alguém que reivindica o título de filósofo possa pensar a religião como uma superfluidade para os educados e um “ópio para as massas”. É o único explosivo conhecido na economia daquele delicado motor de combustão interna, a mente humana. Os povos ricos em energia religiosa podem superar todos os obstáculos e atingir qualquer altura na escala da civilização. Os povos que alcançaram o topo de uma colina pelo uso sábio da energia religiosa podem então decidir prosseguir sem ela; eles ainda podem se mover, mas eles só podem se mover para baixo, e quando eles chegam ao final da colina, eles param<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Este artigo foi escrito imediatamente após a leitura do texto *Appeal to Philosophers*, do Sr. Joad. Joad pede uma trégua de seitas filosóficas, uma pausa no corte da lógica e uma tentativa de fazer um novo contato com a tradição clássica na filosofia. Os filósofos da tradição clássica, como eu a entendo, eram homens que usavam suas faculdades de pensamento treinadas para pensar em fatos e, principalmente, sobre fatos de importância prática em relação à vida de seus semelhantes. Nenhum fato, na minha opinião, é de maior importância prática atualmente do que o fascismo e o nazismo. Nosso próprio país está lutando contra os nazistas na Alemanha. Meu amigo, o Sr. Hooper, me pede um artigo sobre “algum tema importante e urgente”. O tema mais urgente em que consigo pensar é a necessidade de levar a sério o fascismo e o nazismo; parar de nos lisonjear com a crença de que são loucuras infundadas por estrangeiros inexplicáveis ou a crença alternativa de que são bons exemplos que devemos seguir. O que nossos soldados, marinheiros e aviadores precisam combater, nossos filósofos precisam entender. Se eu os tiver entendido mal, espero que alguém que os entenda melhor me corrija. (O artigo de C. E. M. Joad artigo sobre *Appeal to Philosophers* foi publicado em *Philosophy*, 15 (1940), pp. 400-416).